

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM CONTEXTOS ESCOLARES**

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: ENSINO COLABORATIVO

YONE MARINHO VIANA
Nº de Matrícula: 112790036A
Polo: Bicas

**JUIZ DE FORA
2019**

YONE MARINHO VIANA

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA**

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: ENSINO COLABORATIVO

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Especialização em Educação Inclusiva em contextos escolares, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial a obtenção do título de Especialista.

Orientador (a) ELISMARA VAZ TALMAS

JUIZ DE FORA
2019

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática
da Biblioteca Universitária da UFJF,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Viana, Yone Marinho.

Transtorno Do Espectro Autista: Ensino Colaborativo / Yone
Marinho Viana. -- 2019.

28 f.

Orientador: Elismara Vaz Talmas

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade
Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Especialização em
Educação Inclusiva em Contextos Escolares, 2019.

1. Ensino Colaborativo . 2. Práticas Diferenciadas . 3. Educação
Especial . I. Talmas, Elismara Vaz , orient. II. Título.

YONE MARINHO VIANA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Especialização em Educação Inclusiva em contextos escolares, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial a obtenção do título de Especialista.

Aprovado em: _____

BANCA EXAMINADORA

Elismara Vaz Talmas –UAB/UFJF

Márcia Marin Vianna (Doutora) – UAB/UFJF

Alan Willian Jesus (Mestre) –UAB/UFJF

JUIZ DE FORA
2019

AGRADECIMENTOS

Registro meus agradecimentos a todos que contribuíram para a realização de mais uma etapa em minha jornada profissional e também pessoal. Pois reconhecer a necessidade do outro, nos ajuda na constante tarefa de construção do conhecimento e nos faz valorizar elementos fundamentais em nossa vida, como: dedicação, superação, compreensão, companheirismo e participação. Elementos esses os quais encontrei no seio da minha família e dos colegas de trabalho que fizeram presentes de alguma forma na execução deste trabalho.

Aos professores e tutores sempre dispostos a contribuir para o aprendizado, fato que garanto ter sido um diferencial para todos alunos nesta caminhada.

Aos colegas discentes, sempre dispostos a contribuir positivamente com motivação e incentivo através do nosso grupo de apoio nas redes sociais. A todos participantes dessa rede de interesses aplicado à Inclusão Escolar e aos Alunos com Necessidades Educacionais Especiais no Ensino Regular: Através da participação para efetivação de práticas pedagógicas diferenciadas, aliadas à estratégia do “Ensino Colaborativo”, verdadeiras transformações aconteceram na perspectiva da cultura escolar.

A Deus principalmente, a razão, o principio e o fim.

A todos meus sinceros agradecimentos!

“Se a gente cresce com os golpes duros da vida, também podemos crescer com os
toques suaves na alma”

Cora Coralina

RESUMO

O presente projeto de intervenção pedagógico inclusivo teve como foco a intervenção pedagógica com aluno que apresenta - transtorno do espectro Autista TEA, utilizando-se de uma práxis metodológica intitulada “ Ensino Colaborativo”. Tal proposta de trabalho para a educação inclusiva tem sido objeto de estudo para as demandas na aprendizagem desse público alvo da educação especial, quando o professor da sala comum trabalha em colaboração com o docente especialista de educação especial. Além disso, desenvolver essa cultura colaborativa com o apoio dos demais atores envolvidos nesta questão, como coordenação, direção, família e demais profissionais especializados. A proposta baseia-se na pesquisa-ação colaborativa. Os dados foram obtidos a partir da implementação desse modelo de ensino e trazem estratégias que visam o sucesso na aprendizagem em diferentes tempos e espaços de educação inclusiva. Bem como, reflexões sobre a implementação dessa cultura na realidade escolar.

Palavras-chave: Ensino Colaborativo - Práticas Diferenciadas – Educação Especial

SUMÁRIO

| | | |
|----|--|----|
| 1- | INTRODUÇÃO | 06 |
| 2- | OBJETIVOS..... | 09 |
| 3- | JUSTIFICATIVA..... | 10 |
| 4- | CRONOGRAMA DE DESENVOLVIMENTO..... | 12 |
| 5- | RELATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO | 18 |
| 6- | CONSIDERAÇÕES FINAIS | |
| 7- | REFERÊNCIAS | |
| 8- | ANEXOS | |
| | 8.1- MODELO: PLANO DE DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL (PDI) | |
| | 8.2- MODELO: ROTEIRO DE ENTREVISTA | |

1 - INTRODUÇÃO:

Este projeto tem o objetivo estabelecer um diálogo entre os atores que atendem o aluno X, que é diagnosticado com a Transtorno do Espectro Autista (TEA) por intermédio do desenvolvimento de práticas diferenciadas no ensino, e em parceria com o professor especialista da sala de multimeios, que através da aplicação do “Ensino Colaborativo” na prática escolar com esse aluno, possam potencializar seu desenvolvimento cognitivo em várias áreas do conhecimento. Ele, se encontra matriculado em Escola Pública da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte.

Também descreve um breve histórico das inquietações que se fizeram presentes para a escolha do tema. Mostra como alternativa as estratégias pedagógicas necessárias para efetivar o processo de inclusão escolar desse aluno em particular, mas com a participação dos demais alunos da turma, que também fazem parte deste processo de ensino e aprendizagem. Para contemplar a proposta acima, foi realizado um estudo de caso, por meio da metodologia pesquisa-ação, o qual constitui de um trabalho colaborativo entre a pesquisadora, no papel de regente de sala com a função de apoio pedagógico, e os demais professores que trabalham com este aluno alvo, juntamente com o auxiliar de inclusão. Entre os procedimentos foram realizadas observações das atividades na sala de aula, entrevistas informais com os professores e a partir daí intervenções foram propostas com o uso do Sistema de Comunicação por troca de Figuras (do Inglês, Picture Exchange Communication System) PECS – como opção de comunicação alternativa para alunos com autismo.

Dentro do estudo proposto, as áreas de interesse do aluno foram trabalhadas de forma transversal com os demais conteúdos curriculares, a princípio estabelecidos pela equipe de trabalho que o acompanha. Considerando o conhecimento, interesses e descobertas feitas pelo próprio aluno.

O TEA caracteriza-se pela presença de déficits sociocomunicativos e de padrões de comportamentos repetitivos e restritos de acordo com Associação Psiquiátrica Americana (APA 2013), o autismo é considerado pela classe médica uma patologia bastante complexa, uma vez que possui uma variabilidade de sintomas e um espectro de possibilidades clínicas. Se diz, espectro por envolver situações e apresentações diferenciadas, variando em uma graduação continua desse transtorno, do mais leve ou mais severo.

Neste sentido, existe um manual de referência para classe médica que fornece critérios de diagnóstico e tratamento. Por enquanto, não tem conhecimento de cura definitiva,

porém é possível bons tratamentos. (Oliver,2012), diagnóstico, tratamento precoce, educação especial e as medicações podem auxiliar. Deve-se ressaltar que as medicações usadas servem apenas para minimizar ou combater características como agressividade, comportamentos repetitivos e outros.

Neste trabalho busca focar o transtorno, mas sim as possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento nas áreas do conhecimento em defasagem. É necessário considerar se há prejuízos na linguagem, se há prejuízos intelectual. Se apresenta outros problemas como nas habilidades viso espaciais, memória, dentre outros, Paula Kluth, 2010. Neste aspecto, as características que peculiar a este aluno, será descrito no plano de desenvolvimento individualizado (PDI), onde pode-se descrever de forma individual suas especificidades.

Ao refletir sobre as dificuldades encontradas na inclusão do aluno do sistema público alvo da educação especial, alguns questionamentos se fizeram presentes como: Quais os recursos e as estratégias de sucesso que posso utilizar? Como potencializar meu fazer pedagógico? Qual ou quais suportes materiais e humanos posso contar? Apoio da Assistência Educacional Especializado, (AEE), coordenadores, gestores, família?

Partindo dessas inquietações, iniciei uma formação na área de inclusão em contextos escolares na FACULDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, curso de pós-Graduação, estruturado a distância. Com o intuito de formar ideias claras e objetivas na perspectiva inclusiva e com o respaldo do conhecimento científico/acadêmico para subsidiar minha prática. Nesta perspectiva das práticas educativas e suas inter-relações epistemológicas.

A diversidade de alunos aos quais atendemos na rede pública escolar é enorme e dentre os quais existem um grupo denominado “alunos com necessidades especiais”, tema sobre o qual nos faz refletir cotidianamente sobre nossa prática.

A inclusão de crianças, jovens ou adultos com necessidades educacionais especiais no sistema regular de ensino tem sido a questão central sobre a qual a Declaração de Salamanca discorre. Declaração, está que é resultado da Conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais, realizada entre 7 e 10 de junho de 1994, na cidade espanhola de Salamanca. Trata-se de princípios, políticas e práticas nesta área. Logo, na introdução ela aponta os princípios de uma educação especial e de uma pedagogia centrada na criança.

Neste contexto observa-se que hoje, a inclusão é um movimento mundial, com lideranças e apoios oferecidos pelas agências da Organização das Nações Unidas (ONU), configurando um cenário educacional, no âmbito da educação e da política social, nas quais a

inclusão, delineia um processo de reforma e reestruturação das escolas como um todo. A inclusão tida como proposta de assegurar que todos os alunos possam ter acesso às oportunidades educacionais e sociais oferecidas pela escola, combatendo a segregação e o isolamento. Essa política foi planejada para beneficiar a todos os alunos, incluindo as pessoas que apresentam alguma deficiência.

Assim, neste primeiro momento, procurando subsidiar o atendimento específico de um aluno diagnosticado com transtorno do espectro autista, na qual encontra-se regularmente matriculado e frequente na turma de 4º ano / do 2º ciclo de alfabetização do ensino fundamental, na escola municipal “Louis Américo”, pertencente a rede de ensino do município de Belo Horizonte, iniciamos o presente estudo com essa proposta de intervenção.

No presente ano a escola atende 1300 alunos em média em 3 turnos, manhã, tarde e noite sendo apenas 210 alunos no 2º ciclo. A maioria se encontra no 3º ciclo e a noite atende a educação de jovens e adultos, (EJA). E, no total nos três turnos contabiliza 20 alunos de inclusão (com laudo) e 10 auxiliares que atende no mínimo 2 alunos, sendo um em cada turno. São 80 profissionais em média entre professores e quadro administrativo para atender essa demanda de alunos matriculados e frequentes. Tanto a secretaria de educação como a escola têm-se empenhado e buscado atender as políticas públicas voltadas para uma escola inclusiva. No entanto, ainda não atende algumas dimensões de acessibilidade e outros direitos assegurados na legislação vigente, bem como formação continuada dos professores. Na maioria das vezes estes problemas estão relacionados à escassez de recursos financeiros.

Neste contexto tem-se que repensar, tanto na efetivação das políticas públicas que foram desenvolvidas ao longo desse período, seu efeito em loco. Assim, como o trabalho docente, sua formação e prática em educação inclusiva dentro do contexto escolar. Desse modo, a proposta de intervenção busca evidenciar a utilização das (tecnologias assistivas), (TAs), de baixa tecnologia e os recursos humanos disponíveis para que essa inclusão aconteça de fato.

Observo, um trabalho solitário do docente que atende os alunos com necessidades especiais. Apesar da presença do auxiliar de inclusão, que é aquele que acompanha o aluno no período de aula para o atendimento de algumas necessidades específicas, como ir ao banheiro e se alimentar. Mas, as demandas na aprendizagem ficam a cargo e responsabilidade do regente de turma. E, embora a Secretaria Municipal de Educação disponibilize a especialista para atendimento complementar ou suplementar, essa participação tem sido feita de forma ainda, muito tímida. Esse atendimento é primordial na identificação, elaboração e na organização de recursos pedagógicos e de acessibilidade, que visem eliminar as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas.

Neste contexto, foi-se configurando alternativas viáveis para alfabetização e letramento do aluno abordado neste estudo de caso. A busca de apoio e colaboração de todos agentes escolares como, coordenação, direção, professor especialista e generalista, contando ainda com a participação da família e outros agentes que fazem parte de dessa equipe multidisciplinar.

Portanto, nesta linha de raciocínio é necessário que haja apoio da equipe diretiva da escola para conscientizar todo o corpo docente em relação a importância de se trabalhar o ensino colaborativo, dentro das escolas de ensino regular. Uma vez que, a intervenção exige parceria de toda a comunidade escolar, envolve-los nesta tarefa é condição premente para o sucesso na intervenção. Além do mais, os desafios que vão surgindo ao longo do caminho para alfabetizar aluno que apresenta deficiência, são bastantes incomuns de serem apresentados, durante o curso de formação inicial de professores. Assim, a intenção é adquirir conhecimento e segurança para atuar com essa especificidade que o aluno com Transtorno do Espectro Autista, requer.

Assim, estando ciente da responsabilidade eminente da condição de professor em oferecer uma educação de qualidade e inclusiva tenho procurado me envolver e resolver as questões pedagógicas que vão surgindo ao longo da nossa instigante tarefa de ensinar. Pensando sempre de forma a integrar, incluir e formar cidadãos independentes na sua forma e ver, viver e conviver com o outro.

2 – OBJETIVOS

Objetivo Geral: Efetivar a cultura do “Ensino Colaborativo” na perspectiva inclusiva, em parceria com todos atores envolvidos neste processo (Família, Direção, Coordenação, Docentes da sala regular e especialistas, equipe multidisciplinar)

Objetivo Específico: Compreender se, com “Ensino Colaborativo” e com práticas diferenciadas de ensino conseguiremos desenvolver novas competências e habilidades para melhor autonomia do sujeito, público alvo da investigação.

3 - JUSTIFICATIVA:

Dentro deste contexto e visando responder a tais questionamentos escolhi como alternativa para intervenção pedagógica a prática do “Ensino Colaborativo”, pois este se apresenta como uma prática possível, a partir da diferenciação do ensino.

Promover a inclusão escolar, numa perspectiva social coerente, significa promover não só a socialização, mas, também o direito de aprender, como previsto em várias orientações e legislações sob o viés inclusivo (UNESCO, 1994; BRASIL, 1998, 2000,2001,2008,2011).

Neste sentido, me embasei neste discurso sobre a diferenciação no ensino, como estratégia para garantir o acesso aos conhecimentos acadêmicos e sociais, a partir das ideias exploradas pelo sociólogo Philippe Perrenoud (1995;1997) que defende uma pedagogia diferenciada para enfrentar o desafio de atenuar o fracasso escolar, presente nas instituições de ensino atualmente. Diferenciar o ensino é promover oportunidades, para que os alunos possam usufruir de uma participação plena no processo de escolarização e na apropriação do saber sistematizado. De acordo com Perrenoud (1995; apud ANDRÉ, 1999, p.19) “*Diferenciar o ensino é organizar as interações e atividades de modo que cada aluno se defronte constantemente com situações didáticas que lhe sejam as mais fecundas*”.

Portanto, podemos mudar nosso olhar para o discurso de que as desigualdades de aprendizagens (de natureza biológica, psicológica ou socioeconômica) são mecanismos reforçadores para o fracasso escolar, uma vez que há possibilidades de diferenciar as interações didáticas, possibilitando que o aluno se aproprie dos conteúdos acadêmicos e sociais dispostos no ambiente escolar.

André (1999), referendado em Perrenoud (1995), esclarece que o professor deve trabalhar com a tomada de consciência da prática diferenciada e das desigualdades envolvidas no processo. Considerando, as diferenças existentes na sala de aula, e atuando de forma investigativa sobre suas atividades e situações de aprendizagem e utilizando métodos e recursos diferenciados, o que beneficiará todos os alunos no processo de escolarização.

Diferenciar é dispor-se a encontrar estratégias para trabalhar com os alunos mais difíceis. Se o arranjo habitual do espaço de sala de aula não funciona com esses alunos, se os livros e materiais didáticos não são adequados para eles, se, enfim, as atividades planejadas não os motivam, é preciso modificá-las inventar novas formas, experimentar, assumir o risco de errar e dispor-se a corrigir, (ANDRÉ, 1999, p.22).

Entretanto, não se trata de favorecer um grupo em detrimento de outro, mas sim de diferenciar estratégias pedagógicas, usar recursos diversificados, flexibilizar tempo e espaço

escolar, rever critérios de avaliação e promoção, adequar currículo, esses são novos paradigmas na prática cotidiana docente, que exigem novas dinâmicas escolares.

Diferenciar é, sobretudo, aceitar o desafio de que não existem respostas prontas, nem soluções únicas; é aceitar incertezas, a flexibilidade, a abertura das pedagogias ativas que em grande parte são construídas na ação cotidiana, em um processo que envolve negociação, revisão constante e iniciativa de seus atores (ANDRÉ, 1999, P.22).

Dessa forma o projeto de intervenção se inicia com o cronograma das atividades as quais deverão ser realizadas.

Dentre outros aspectos o plano de intervenção deve se basear em informações precisas, coletadas em momentos e situações diferenciadas (sala de aula comum, sala de recursos multifuncional), por professores especialistas e professores de outras disciplinas. Com vistas a permitir um diálogo constante entre esses professores, bem como sua correta aplicação e sistematização dos resultados obtidos.

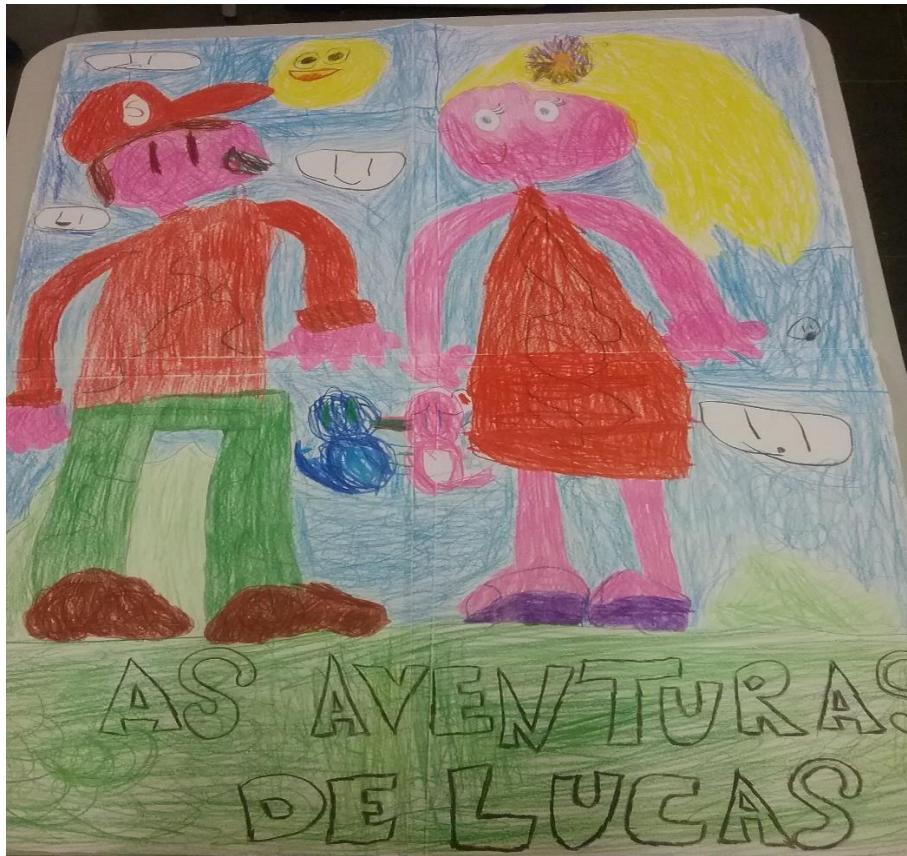
6 - CRONOGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DAS ESTRATÉGIAS DE APOIO

| FASES DO PROJETO | ATIVIDADES PROPOSTAS |
|---|---|
| <p>1-INICIALIZAÇÃO – O Estudo ocorreu entre março a agosto de 2018, com acompanhamentos presenciais para a observação e intervenção junto ao aluno, como também o trabalho colaborativo com os professores. Foram realizados encontros semanais de 60 min aproximadamente.</p> | <p>Estudo de caso do aluno em questão acompanhado por todos profissionais que acompanham o aluno.</p> <p>(Montar o PDI- plano de desenvolvimento do aluno). Entrevista com a família.</p> |
| <p>PLANEJAMENTO – setembro - Reunião com a família.</p> | <p>Reunião com a família – Apoio para dar continuidade à execução das tarefas fora do ambiente escolar.</p> |

| | |
|---|--|
| <p>EXECUÇÃO- outubro e novembro</p> <p>As reuniões da equipe pedagógica eram realizadas de acordo com a agenda dos professores, faziam parte dessa reunião os professores e o auxiliar de inclusão, e o coordenador de projetos.</p> | <p>Observação centrada na aprendizagem. Esta técnica tem por objetivo investigar o que o sujeito sabe, o que aprendeu. A partir desta, espera-se que o sujeito mostre o que sabe, seja desenhar, pintar, recortar, colar, escrever, ler, calcular ou qualquer outra coisa que possa realizar com os materiais oferecidos (cola, tesoura, papel sulfite, papel colorido, papel pautado, lápis preto sem ponta, apontador, borracha, lápis de cor, revista para recorte) e dois livros de história - no caso "João e o Pé de Feijão" e "Contando de um a dez" - tais livros não correspondem a idade cronológica do avaliado, mas sim a suspeita de sua capacidade intelectual.</p> <p>Montar as atividades que serão trabalhadas ao longo do período letivo, explorando o recurso tecnológico (o computador) objeto que ele demonstra gostar muito.</p> |
|---|--|

| | |
|--|--|
| | <p>Utilizar-se de jogos educativos disponibilizados no LINUX, plataforma digital na intranet da Prefeitura de BH para a educação. E, também jogos que estimulem as áreas deficitárias, que são as áreas de cópia, raciocínio numérico, seriação e correspondência termo a termo.</p> <p>Materiais que serão utilizados como disparadores: Cartas enigmáticas: para estimulação da habilidade visomotora; Números alegres, do 1 ao 25, Resposta Mágica, Conta Certa, compre bem, Cubra e Descubra, Blocos lógicos, Régua Numérica e outros que estimulem o raciocínio lógico matemático; Rack, logica, Logix, Senha e outros materiais estimulantes da função seriativa e conservativa.</p> <p>Além do supracitado, utilizar-se-á, ainda os interesses demonstrados pelo avaliado, atividades de reconto oral, ou histórias inventadas por ele.</p> <p>Utilizar o programa de comunicação alternativa por intercâmbio de figuras, denominado PECS- Adaptado (Walter, 2000), como recurso destinado aos professores do ensino regular e especial para a ampliação da comunicação oral e escrita. (de forma adaptado ao caso específico do aluno)</p> <p>Contação de histórias: de forma oral; através de imagens e desenhos.</p> <p>No segundo momento, colocar texto aos seus desenhos.</p> |
|--|--|

| | |
|---|--|
| <p>4- CONTROLE – DURANTE TODO O PROCESSO.</p> | <p>A partir do diagnóstico inicial, observar e registrar os avanços na ficha de avaliação;</p> <p>Manter o diálogo com outros profissionais e dividir as experiências, trabalhando os conteúdos de forma interdisciplinar.</p> |
| <p>5-ENCERRAMENTO – FINAL DE DEZEMBRO – 2019</p> <p>Os conselhos de classe acontecem todo final de trimestre, conforme o calendário da escola.</p> | <p>Resultados alcançados a partir dos objetivos propostos para o período e dentro da expectativa da aprendizagem para o aluno em questão. Compartilhar no conselho de classe os avanços e experiências. Culminância, apresentação com tarde de autógrafa do livro impresso: As aventuras de Lucas.</p> |



Desenho da capa do livro: “ As Aventuras do Lucas”

As observações foram realizadas em dias e horários distintos, e foram divididos em duas etapas:

1º etapa: Dias em que as aulas aconteciam em uma única sala com a professora regente da turma, mantendo o hábito escolar cotidiano nas instituições, sendo: entrada na sala de aula as 13:00 h, intervalo para a merenda entre 15:00 as 15:20 e de volta para a mesma sala até o momento de término das aulas às 17:30.

2º etapa: Em dias que os hábitos eram diferenciados devido a oficinas, ocorrem todas no mesmo dia da semana as terças feiras. Havia um professor diferente para cada oficina, em tempos e espaços diferentes, havendo a oportunidade de acompanhar o aluno em diferentes contextos e propostas pedagógicas. Cada oficina tinha tempo estimado de 60 mim.

Quadro explicativo da organização das aulas em dias de oficinas

| Horário | Oficina | Local | Professor responsável |
|---------------|----------------------------|---------------------|-------------------------------------|
| 13:00 – 14:00 | Oficina de Matemática | Sala comum | Professor regente da turma |
| 14:00 – 15:00 | Oficina de Jogos | Sala de informática | Professor licenciado em informática |
| 15:00 – 15:20 | | | Intervalo /Recreio |
| 15:20 – 16:20 | Oficina de Artes | Sala comum | Professora de Artes |
| 16:20 – 17:20 | Oficina de Educação Física | Quadra de esporte | Professor de Educação Física |

O planejamento foi elaborado na perspectiva dos pressupostos da pesquisa-ação, visando as atividades de campo que tenham por objetivo captar e colaborar com o desenvolvimento da proposta. Sendo assim, a estrutura básica pode ser explicitada no seguinte esquema:

As observações:

| | | | |
|---|-------------|-------------------------------------|--|
| Apoio e acompanhamento do aluno A; | Intervenção | Avaliação do processo de inclusão e | Elaboração e aplicação de novas atividades |
| Observação das atividades realizadas com ele e por ele. | | através de reuniões | |

De acordo com Pletsch (2010, p.145 -147), o pesquisador deve saber lidar com as diversas opiniões e percepções e reformula-la, considerando as observações de campo, as experiências pessoais, sempre apoiadas no referencial teórico para melhor compreensão. Após esse estudo detalhado é hora de unimos a teoria e a prática.

Considerando a citação acima, quando as observações eram direcionadas ao aluno no desempenho das atividades, elas eram registradas por meio do preenchimento de um roteiro, conforme o quadro abaixo:

| ROTEIRO DE OBSERVAÇÕES | |
|---|--|
| ALUNO: | |
| IDADE: | |
| ANO ESCOLAR: | |
| BREVE DESCRIÇÃO DA TURMA: | |
| DADOS POR ENCONTRO | |
| DATA: ____/____/____ ENCONTRO Nº _____ | |
| Interação entre professores e o auxiliar de inclusão. | |
| Interação do aluno com o contexto apresentado | |
| Atividades propostas pelos professores | |
| Atividades realizadas pelo aluno | |
| Aspectos que mais chamaram a atenção | |
| Demais informações relevantes | |
| | |

Organização para registro escrito das observações:

Tanto as observações baseadas no roteiro (preenchidas durante a observação, quanto os registros em mídias impressas e vídeos se transformaram em diários de campo, que serviam posteriormente como material de avaliação para continuar desenvolvendo as atividades. Por exemplo quando ele, o aluno respondia com sucesso as intervenções realizadas nas oficinas junto ao professor ou ao auxiliar, mostrando interesse e aprendizado pela atividade proposta, foi possível ter um parâmetro para conduzir novas atividades em outras aulas.

A proposta do ensino colaborativo pressupõe ser uma alternativa ou possibilidade de ação pedagógica que favoreça a inclusão, pois:

Caracteriza-se pelo trabalho colaborativo entre o professor regente da turma e um professor de apoio da educação especial [...] trabalham juntos na classe comum, dividindo a responsabilidade de planejar, avaliar e organizar as práticas pedagógicas para atender às demandas colocadas pela inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais (GLAT & PLETSCH, 2011, P.24)

Assim, as possibilidades de evidenciar os benefícios de uma cultura colaborativa se apresentam como um caminho para garantir o acesso, a permanência com participação e qualidade de ensino.

5- RELATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO

Tal desenvolvimento do projeto de intervenção pedagógica, fundamenta-se considerando que me sentia solitária na função social tão importante quanto humana de incluir a todos sem discriminações, estigmas, preconceitos, rótulos ou qualquer outro tipo de discriminação dentro do ambiente escolar. Penso, que apostar nessa prática de ensino colaborativo é uma forma eficaz de incluir não somente o aluno, mas também o professor que como aponta BUENO (1999), o professor do ensino regular, que é denominado “generalista”, por ele de modo geral, não possui habilidades específicas para o trabalho pedagógico com

alunos com necessidades educacionais especiais. E o professor de apoio da Educação Especial ou “especialista”, por sua vez, não está preparado para a prática pedagógica na sala comum.

Portanto devemos considerar que temos papéis distintos e complementares, favoráveis à efetivação desse processo de inclusão.

O projeto evidenciou a necessidade de planejamento individualizado e sistêmico para que o “Ensino Colaborativo” possa estabelecer diferentes recursos que potencialize o processo de escolarização. As tarefas foram realizadas no cotidiano da sala de aula, dentro dos tempos e espaços escolares. As vezes de forma individualizada em outros, de forma coletiva, com a participação efetiva de todos os alunos da turma. Eram atividades elaboradas com finalidade específica como, já descrito. Assim como resultado desse processo foi montado um portfólio de atividades realizadas neste período.

Ficou também evidente o avanço acadêmico e social do aluno, tanto quanto a implementação da prática colaborativa como recurso pedagógico de sucesso.

Não gostaria aqui de elencar as dificuldades encontradas neste contexto. Porém, vejo que é essencialmente necessário, uma vez que aprendemos muito tanto com as dificuldades, tanto com nossas tentativas de buscar a melhor intervenção pedagógica para os nossos alunos. O primeiro entrave se deu porque a genitora não considerava interessante e nem produtivo a acolhida do seu filho em outro espaço, fora do período regular de aula, ou seja, no AEE, dessa forma, foi preciso uma intervenção da coordenação da escola, juntamente com a direção na tentativa de persuadi-la da importância desse atendimento e deixá-la a par do desenvolvimento do projeto de intervenção tendo como foco seu filho.

A tentativa, não foi de tudo frustrante, pois por um período conseguiu-se a assiduidade do aluno ao atendimento especializado no contra turno, assim as estratégias de ensino com a devida ajuda técnica especializada foram sustentadas.

Neste contexto, é que se pode avaliar e reconhecer a importância da administração escolar, aqui defendida para ser inclusiva e que garanta o direito de todos a aprendizagem. E, ainda romper com o estigma de que “na teoria tudo é fácil” já na prática é diferente”

Dessa forma, este projeto traz à tona uma lógica de administração baseada na gestão/democrática, que trabalhe de forma colaborativa para que a escola inclusiva se concretize em nossa realidade. Com o apoio e a participação efetiva dos professores, gestão, família e demais profissionais especializados em inclusão. Mattos (2001), em seu artigo intitulado “Gestão democrática e inclusão escolar: um possível diálogo” diz “A escola precisa ser democrática, voltada para o componente social e cultural...” Daí a importância da gestão

democrática, que insira a família, a comunidade escolar nas tomadas de decisões sempre de forma participativa e colaborativa, imprimindo a escola uma identidade ao assumir a função de lutar pela transformação social. Sem esse comprometimento por parte da gestão, de certo ficaria menos evidentes os resultados desse trabalho.

Outro ponto que merece destaque, a elaboração e efetivação das estratégias educativas em inclusão escolar: AEE, tecnologias assistiva, acessibilidade curricular e sistemas de comunicação alternativa. Em relação a esse tópico tivemos, muitas dificuldades em relação encontrar um consenso nas estratégias de ensino e na diferenciação pedagógica. Precisou de muito diálogo e parcerias nesta efetivação. As observações no percurso sinalizaram para uma prática curricular homogênea dos sujeitos, sem dá a devida atenção para especificidade do aluno. Neste momento conseguimos agregar as estratégias em torno de integração de mídias como, jogos didáticos com o uso do computador, uso de jornal impresso, textos em vários formatos e maior variabilidade de texturas e formatos possíveis.

(...) não se trata de elaborar um outro currículo e sim de trabalhar com o que for adotado, fazendo nele os ajustes necessários (flexibilização nos objetivos, nos conteúdos, metodologia de ensino, temporalidade, e as práticas de avaliação da aprendizagem) modo de oferecer a todos a verdadeira igualdade de oportunidades para construir conhecimentos (Carvalho, 2008, p.105).

Dessa forma aliada ao conceito de diferenciação curricular, também foi incorporado o conceito de desenho universal na aprendizagem sustentado pela ideia do desenho universal que ficou definido na Convenção sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência (Brasil, 2009), como “ concepção de produtos, ambientes, programas e serviços a serem usados, na maior medida possível, por todas as pessoas, sem necessidade de adaptação ou projeto específico”. Este conceito, segundo SOUZA (2017), foi elaborado na década de 90 por Anne Meyer e David Rose no centro de tecnologia Especial Aplicada (CAST), com intuito de atender as especificidades de pessoas que apresentam deficiências. Atualmente essa perspectiva, inovou e agora se aplica a qualquer pessoa que necessite de suporte específico em sua aprendizagem. Neste caso, criamos em equipe de forma colaborativa vários jogos lúdicos e outras estratégias práticas em educação inclusiva, em sua maioria de baixa tecnologia para alcançar nosso objetivo específico em alfabetiza-lo. De forma integrada com produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços de forma interdisciplinar. Cabe ressaltar que o conceito de

tecnologias assistivas, ora aqui abordado segue as orientações oficiais que a caracterizam como área do conhecimento interdisciplinar.

Nesta perspectiva, consideramos assim, como Sousa (2017), que fazer esse diálogo entre o conceito de desenho universal na aprendizagem e recursos da tecnologia assistiva são positivas para escolarização de pessoas com deficiência intelectual e do desenvolvimento. Neste caso em especial a utilizamos para promover funcionalidade em relação a atividade proposta. Uma vez que o aluno x, apresenta mobilidade reduzida. Por conseguinte, a partir das considerações aqui expostas, fica evidente que, quanto mais possibilidades e recursos forem ofertados aos sujeitos com deficiências, a partir de mediações docentes qualificadas e com a cooperação de todos agentes envolvidos, maiores e eficazes são as chances de aprendizagem e desenvolvimento.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Apesar, da mãe não considerar satisfatório o desenvolvimento do nosso aluno é notório pelo grupo que o acompanha o seu desenvolvimento. Já, escreve frases, conta histórias de dinossauros com bastante fluência verbal para os colegas. Nesta fase do projeto estamos desenvolvendo a escrita de um livro, no qual ele é o protagonista. O título tem tudo a ver com o personagem “ O mundo de Lucas”, a princípio o objetivo é alavancar a escrita dele, uma vez que não é alfabetizado. Na verdade, o processo de desenvolvimento da criança com autismo é mais lento, devido a fatores comportamentais, nem sempre ele está disposto a escrever, contar histórias, participar de alguma atividade. Mesmo considerando esse tempo individual, ficou evidente os avanços na área cognitiva e social, também ganhou mais independência, como ir ao banheiro sozinho. E, está bastante motivado em colocar texto aos seus desenhos, contar sua história de vida de forma lúdica e criativa tem sido bastante interessante para ele. Isso, fica notório, para quem convive com ele todos os dias. A intenção da equipe, professores e direção é no final deste ano fazer o lançamento do livro, juntamente com outro projeto de literatura já, existente na escola. A turma está animadíssima, pois participa ativamente desse projeto.

Para obter os resultados e respostas da problematização aqui apresentada foram realizadas entrevistas com a família para buscar conhecer o histórico de vida do aluno, bem como, confeccionar o Plano Educacional Individualizado, (PEI). Esse plano conterà observações descritivas do aluno e servirá como registro do estudado ao longo do ano letivo e

apoio à realização do relatório final, dando uma ideia geral dos conhecimentos adquiridos e necessidades relatadas durante o ano letivo, para que no ano seguinte o novo professor fique a par de todo o processo de seu desenvolvimento e em que fase ele se encontra. Reuniões foram realizadas com o corpo docente da escola e profissionais especializados em inclusão para realizar esse atendimento de forma interdisciplinar e transdisciplinar. Efetivou-se adequações significativas no planejamento diário e no currículo para atender o aluno em específico, mas em consonância com o planejamento da turma. Tal proposta de intervenção pedagógica inclusiva partiu dos conceitos apresentados pelos professores e tutores da área educacional vislumbrando promover boas práticas em educação inclusiva.

Este projeto de intervenção teve caráter essencialmente qualitativo, com ênfase no estudo de caso com abordagem no ensino colaborativo. Observações foram realizadas e estudo documental efetivado, ao mesmo tempo que foi necessário o cruzamento dos levantamentos com toda pesquisa bibliográfica estudada durante o curso de formação docente em especialização em Educação Inclusiva em contextos escolares.

Diante do exposto, entendo como primordial manter um diálogo constante entre os vários atores que se propõe atuar em uma instituição chamado escola. Pois a implementação dessa cultura de colaboração favorece todo o trabalho docente e conseqüentemente desenvolve com uma certa naturalidade as competências e habilidades no aluno.

Estamos cientes, que estimular o desenvolvimento da criança com autismo com brincadeiras, recursos, e estratégias pedagógicas diferenciadas, intensifica os resultados consideravelmente nos aspectos cognitivos, sociais, sensoriais e linguísticos e isso evidenciou claramente neste aluno em especial.

Fica, a determinação em apresentar esse projeto de intervenção feito com muito compromisso, e que sirva de inspiração para outros.

7 - REFERÊNCIAS:

Avaliação das possibilidades do ensino colaborativo no processo de inclusão escolar do aluno com deficiência mental. 2004. 300 f. Tese de Doutorado. Programa de PósGraduação em Educação especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Proposta de Diretrizes para a formação inicial de professores da educação básica, em cursos de nível superior. Brasília, maio 2000.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA e Linha de Ação Sobre Necessidades Educativas Especiais. Brasília –DF, Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE), 1994.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Declara%C3%A7%C3%A3o_de_Salamanca:

Acessado em 04/03 às 19 horas

In: ALMEIDA, M. A, MENDES, E. G.; HAYASHI, M. C. P. I. Temas em Educação Especial: múltiplos olhares. Araraquara: Junqueira & Martins, 2008. V. p. 1, p. 104-112

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986

BRASIL. Ministério da Educação. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, Seção 1, n. 248, p. 207, 23 dez. 1996.

O PECS – ADAPTADO NO ENSINO REGULAR: UMA OPÇÃO DE COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA PARA ALUNOS COM AUTISMO. TEXTO de Cátia Crivelenti de Figueiredo Walter. Disponível no material de estudo – Disciplina: Estratégias de Inclusão Escolar: AEE, Tecnologia Assistiva e Sistema de Comunicação Alternativa – PERRENOUND, P. La pédagogie: école à des différences. Paris: ESF, 1997.

PLAT & PLETSCH, M.D. Inclusão escolar de alunos com necessidades especiais, Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

<https://ead.ufjf.br/mod/url/view.php?id=36498> acessado em 04/04 às 20:00.

<https://ead.ufjf.br/mod/resource/view.php?id=3721> acessado em 05/05/2019 às 18:30

<https://ead.ufjf.br/mod/resource/view.php?id=3062> acessado em 05/05/2019 às 15:00.

<https://ead.ufjf.br/mod/resouce/view.php?id=18713> acessado em 13/05/2019 às 20:00.

8. ANEXOS

8.1 MODELO: (PDI)

PLANO DE DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL DO ALUNO

1- DADOS DA ESCOLA

Nome da Escola: _____

Código da Escola: (INEP) _____

Ato Autorizativo: _____

Endereço: _____ Telefone () _____ Município: _____/MG

2 –Assinatura (s) do Responsável (eis) pela elaboração: Data da elaboração: ____/____/____

| | |
|-----------------------------------|--|
| Professor (es) | |
| Professor (es) de Educação Física | |
| Especialista da Educação | |
| Diretor (a) | |
| Responsáveis pelo (a) aluno (a) | |
| Aluno (a) | |

3 - DADOS DO ALUNO:

Nome do aluno:

Data de nascimento:

Responsáveis pelo aluno:

Ano de escolaridade: ____ano do Ensino Fundamental

4 - NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS APRESENTADAS DECORRENTES DA DEFICIÊNCIA OU TRANSTORNO GLOBAL DO DESENVOLVIMENTO:**5- PROPOSTA CURRICULAR PREVISTA NO PROJETO PEDAGÓGICO PARA A TURMA:** Em anexo

É o mesmo plano de curso para turma

6- RELATÓRIO CIRCUNSTANCIADO

História de vida do aluno**7 – DESCRIÇÃO DA AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA DO ALUNO:**

| | CONHECIMENTOS | DIFICULDADES |
|-------------------------------------|---------------|--------------|
| Cognitivos e Metacognitivos: | . | |
| Motores e Psicomotores: | | . |
| Interpessoais/Afetivo: | . | |
| Comunicacionais: | | |
| Língua Portuguesa: | | |
| Matemática: | | |
| Ciências: | | |
| História: | | |
| Geografia: | | |

8 – PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO ACESSÍVEL PARA O ALUNO

| | |
|--|---|
| Levantamento dos conhecimentos e capacidades necessários para que o aluno tenha acesso à proposta curricular para a turma: | Plano de Intervenção Pedagógica: |
| <p><u>Exemplos:</u></p> <p>Ao final do ano letivo o aluno deverá ser capaz de:</p> <p>-Produzir textos adequados a diferentes objetivos, destinatário e contexto;</p> | <p><u>Exemplo:</u></p> <p><u>Estratégias:</u></p> <p><u>Recursos:</u></p> |
| <p>- Utilizar as diferentes fontes de leitura para obter informações adequadas a diferentes objetivos e interesses;</p> | <p><u>Estratégias:</u></p> <p><u>Recursos:</u></p> |

| | |
|---|---|
| | |
| -Resolver situações-problema e, a partir delas, construir os significados das quatro operações fundamentais (adição, subtração, multiplicação e divisão) e deles se apropriar; | Estratégias: Recursos: |
| - Identificar características das figuras geométricas, percebendo semelhanças e diferenças entre elas, por meio de composição e decomposição, simetrias, ampliações e reduções; | Estratégias: Recursos |
| -Identificar as características do espaço urbano e rural; | Estratégias: Recursos |
| - Identificar os meios de transporte e de comunicação; | Estratégias: Recursos |

9 - AVALIAÇÃO DESCRITIVA DOS CONHECIMENTOS E CAPACIDADES DESENVOLVIDAS PELO ALUNO.

| |
|--|
| -Forma e periodicidade da avaliação (quando, como e qual o instrumento utilizado) |
| <i>Exemplo: 1º bimestre: avaliação escrita, teste oral, participação, caderno em dia, etc, individualmente</i> |

2º bimestre: avaliação escrita em dupla

Avaliação descritiva bimestral por conteúdo

Este espaço é para fazer a avaliação descritiva do aluno por conteúdo, ao longo dos bimestres. Colocar aqui o registro da ficha individual do aluno que consta no final do diário do ciclo por bimestre.

Observação:

É importante utilizar vários instrumentos de avaliação no decorrer do bimestre para dar mais oportunidade do aluno de apresentar resultados positivos sempre procurando atender suas necessidades especiais.

-Descrição do desenvolvimento global do aluno.

Relatar o que tem contribuído para o crescimento do aluno no relacionamento com as pessoas, seu amadurecimento, autoconfiança, autoimagem.

- A avaliação dos apoios oferecidos e estratégias pedagógicas utilizadas.

Apoios são adaptação feitas como: engrossar o lápis com fita adesiva para facilitar o manuseio pelo aluno com dificuldade motora, ampliações de texto para alunos com baixa visão, etc.

Colocar aqui quais os apoios e as estratégias que foram positivas ou não.

Encaminhamentos necessários e/ou propostas de continuidade

10- AVALIAÇÃO EDUCACIONAL APÓS A IMPLEMENTAÇÃO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA.

Será preenchido ao final do ano letivo dizendo quais as capacidades consolidadas pelo aluno e se este será aprovado ou não.

Os indicadores sugeridos devem servir como elementos que permitirão conhecer as potencialidades, as condições de desenvolvimento e as possibilidades do aluno, numa abordagem qualitativa. Os dados coletados devem ser obtidos por meio de observações do aluno

e de suas produções, no espaço escolar e por meio de interações dialógicas com ele, seus professores e outros agentes educativos. Também devem ser analisados os recursos pedagógicos utilizados, a metodologia adotada pelo professor em sala de aula para levá-lo a aprender a conhecer- desenvolvendo conceitos; a aprender a fazer- desenvolvendo procedimentos e a aprender a ser e a viver junto- desenvolvendo atitudes e valores.

8.2 – MODELO: ROTEIRO DE ENTREVISTA

Pq. Você pode nos descrever um breve relato sobre o nascimento do seu filho, X?

En- Quando e como você recebeu o diagnóstico do X?

Pq – E, como família em geral lida com este diagnóstico de TEA? (Transtorno do Espectro Autista)

En

Pq – você considera que o X, tem sido inserido no contexto escolar, de forma natural? E, que os recursos e as estratégias pedagógicas utilizados na escola, para que ele possa avançar em seu potencial, tem conseguido atingir o objetivo de torná-lo mais autônomo?

En-

Pq – Ele não frequenta mais o AEE. Porque tomou tal decisão?

En

Pq – Você acredita que se a família, juntamente com o aluno tivessem apoio psicológico em um ambiente multidisciplinar, seria mais fácil efetivar a inclusão?

En -